

# VARIAÇÕES EM TORNO DE UM TEMA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Level um susto; e olhem que já estou exercitado, prevenido e até às vezes me divirto em perguntar ao rapaz do balcão se ainda está o mesmo preço. De ontem, e outras vezes manifesto sincero estupor quando me informam que o artigo custa a mesma coisa que custava no mês passado. Mas apesar do treino e dos exercícios de sublimação, assustei-me anteontem. Pedi a um moço que me comprasse uma fita para máquina de escrever Remington, "letter-riter", e dei-lhe cem cruzeiros como o habitual e fatigado gracinha: não sei se chega. O rapaz riu-se e saiu. Poucos minutos depois voltava pálido: não chegaram os cem cruzeiros, e exhibe-me a nota fiscal (n.º 6188) que efetivamente mostrava o preço 120 cruzeiros. Mandei vir notas anteriores, relativas às últimas compras, e verifiquei que em fevereiro de 58 pagara 50, em janeiro de 59 (nota fiscal 45120) pagara 70, e agora em fevereiro do mesmo 59 tenho a nota que acusa 120 cruzeiros. Em um ano, uma utilidade tem o preço quase triplicado. Que tal? Achei-me, durante alguns minutos, atacado pela violenta tentação de pedir aos poderes públicos uma lei um decreto, um instrumento qualquer que obrigasse o inescrupuloso negociante a me devolver a soma injustamente cobrada, e uma tabela, sim uma Tabela que aprisionasse, que congelasse o preço da fita para máquina de escrever. E se eu não tivesse conversado muito com Fernando Carneiro, com Fábio Alves Ribeiro, com Barretto Filho no Pinguim, no Centro Dom Vital, na Resistência Democrática; se não tivesse conhecido Gladstone Chaves de Melo e Aduato Cardoso, e não tivesse lido Maritain, Ortega y Gasset, Chesterton, etc., etc., etc. e sobretudo se não tivesse visto bem desdobrada a planiférica estupidez do totalitarismo, eu teria sucumbido aquela terrível tentação e teria telefonado ao coronel Mindel dando parte do abuso de que acabava de ser vítima.

Nesse momento, por uma rápida associação de idéias que entrego aos estudiosos do assunto, lembrei-me de "seu Neves", um doido mansíssimo, de oitenta anos, que conheci em Barbacena quando tinha eu meus vinte. Esse doido vinha desde muitos anos organizando um rol de tódas as coisas que existem no universo, por onde se vê que sua tendência era a dos enciclopedistas. Mas o método é que era próprio e originalíssimo. Numa enorme folha de papel dobrada sessenta e quatro vezes, "seu Neves" consignava cada coisa do mundo com um risco de lapis. Creio que os riscos se agrupavam, atravessados por uma barra, formando as espécies e os gêneros, mas não posso garantir que fosse essa a idéia. O que posso garantir é que as coisas, dos três reinos da natureza, desde a pedra, em tódas as suas variedades até o homem em todos os seus aspectos raciais ou tipológicos, estavam marcadas e que a correspondência unívoca entre a coisa e o traço estava indelevelmente fixada no espírito de "seu Neves". Mais de uma vez fizemos a experiência. Inventávamos uma entidade cuja existência ele ignorava, galinha de dois bicos ou carneiro de seis pernas, que ele então registrava; e dias depois, com ar de quem não se lembra bem, nós perguntávamos se ele já tinha marcado aqueles objetos. Com um sorriso triunfante, o doido desdobrava o mapa do universo, e mostrava cada coisa, a ave e o mamífero, no seu lugar próprio, representada pelo seu risco.

Quem devia presidir a COFAP, se ainda fosse vivo, era "seu Neves", ou algum outro doido que demonstrasse igual capacidade de inventar a variedade de coisas que existem sob o sol. Outro dia vimos a COFAP marcando preços de rosas com talos curtos e compridos, tanto e tanto, preços de agapantos roxos, e logo dias depois vimos a COFAP ocupada em tabelar a lavagem a seco de casacos e de ternos. Ora quem já fez tanto pode fazer mais um pouco. Tabelemos tudo: fitas de máquina, colégios, alfinetes, porcos da índia, pagagaios que falam uma língua, papagaios que falam dois idiomas, batatas, carne, cinema, sorvetes, barba, esmola, remédios, livros, ganchos de rede etc., etc..

Quem não vê a insensatez desse mecanismo que me faz lembrar o velho e encardido mapa do "seu Neves"? Quem não vê o aspecto de loucura nessa pretensão de regular as coisas que deviam ser deixadas por conta da imemorial so-

cial e dos entendimentos entre os grupos? Entende-se a necessidade de tal organização em circunstâncias muito especiais e muito raras. O desembarque das forças aliadas no continente ocupado pelos nazistas exigiu da parte dos comandos uma multiplicação do interesse pelo detalhe levado até o delírio. Foram convocados os homens mais experimentados no comércio de bugigangas ao lado de homens experimentados no comércio de exportação. E' bem possível que alguns desses técnicos que comandaram e executaram o desembarque nas costas da Normandia fossem loucos varridos, mas ninguém se lembrará de contestar o alto valor do trabalho que fizeram em tais circunstâncias. Acabada a guerra, instalada a sociedade na sua precária e dolorosa normalidade, uma vez que base mais estável não é deste mundo, temos que despedir os técnicos e deixar os sapatos por conta dos sapateiros, a roupa por conta dos alfaiates, as flores por conta dos floristas e o comprimento do talo das flores por conta do entendimento sempre possível entre quem vende e quem compra a rosa. Quem pretender o contrário deve ser visto como doido, e não como doido manso e eventualmente útil, mas como doido furioso, da espécie daqueles que os aliados queriam expulsar das praias da Normandia.

Na verdade, meus amigos, estão fazendo aqui no Brasil manobras, operações, congelamentos, fiscalizações, planejamentos, como se o país estivesse em guerra. Ou está, e eu é que não sabia. Creio que foi o deputado Osvaldo Lima Filho quem disse esta frase que tem ressonâncias de Euclides da Cunha: "O Brasil é um país ocupado por suas próprias forças armadas". Sendo assim, entende-se que o coronel Mindelo queira tabelar casacos, bocalhau e agapantos. Na guerra como na guerra, dizia o outro que queria por força passar a frente de uma senhora com uma criança no colo. Tomou o lugar dela no bonde e tornou a resmungar: na guerra como na guerra. Será essa talvez a filosofia secreta do coronel da COFAP; e esta é certamente a filosofia dos ministros do supremo que entregaram o caso do Diário de Notícias à lei de Segurança Nacional, cujo vigor é outra prova da existência de um estado de guerra. E os inimigos? Os inimigos—somos nós meus amigos. Somos nós os vencidos, somos nós a população que terá de comer a ração graduada com preço marcado.

Ah! eu prefiro me entender diretamente com a firma Remington, prefiro fazer onda, ir para frente da loja fazer discursos, contar aos amigos o abuso, procurara outras casas e verificar se as outras máquinas têm fitas mais baratas, e até, se o preço chegar a mil cruzeiros, continuando eu a ganhar o mesmo pelo que escrevo, prefiro procurar capitalista para abrir uma fábrica de fitas. Ou então deixo de escrever e vou ver se ainda darei certo como animador de programas de televisão. Tudo, menos aceitar como boa a medida totalitária, que é um abuso e sobretudo uma impostura. Sim, uma impostura, um fingimento, um truque de desviar a atenção do respeitável público. Tempos atrás o coronel Mindelo referiu-se ao "gesto feliz do presidente da República determinando o congelamento dos preços". Depois não se falou mais nisso, e o presidente, cada vez mais inquietantemente inquieto, inaugurou um vigésimo da obra total da estrada Brasília-Belem como se tivesse inaugurado ela toda. Houve discursaria, improviso do magnífico Reitor que foi parar, não sei como nem porque, em frente do jatobá e houve a mais cômica tentativa de derrubar o dito jatobá. Depois de uma hora, o presidente desistiu. Mas meu Deus, esse homem, no cargo que ocupa, não terá mais um conselheiro, um amigo, um psiquiatra ou cardiologista que o dissuada de derrubar um jatobá e de fazer outros papéis de adolescente? E nessas fantasias e na consequente necessidade de fabricar dinheiro que se desvanece o valor de nossa moeda. Não quero com isto inocular os senhores negociantes. Não ignoro que eles fazem o possível para ganhar o máximo que podem dentro de certas regras. Quando porém o presidente da República é um rapaz que durante uma hora tenta derrubar um jatobá, para depois fazer uma frase, e quando as fantasias e as emissões seguem a frivolidade do governo como o efeito segue a causa, dá nos nego-

ciantes uma febre de aproveitar a confusão, o barulho de Brasília, a inauguração da estrada que não está pronta, e então, por causa do clima de mau governo e não por causa da falta de tabelamento vendem hoje uma fita de máquina por 50, meses depois por setenta, um mês depois por cento e vinte. E' o modo deles de andar a jato e o Viscount ou o helicóptero deles. E nós temos que pagar as fantasias do governo e as consequentes espertezas do comércio! Aliás, por falar em helicóptero e em gesto feliz, posso garantir que bonito foi o gesto que vi outro dia um popular fazer quando viu subir o cóptero por traz do Palácio Aguias. Aquilo é que foi gentil... e este é o nosso mapa esquelético consolo.